



QUANDO A DANÇA É REPRIMIDA: REFLEXÕES DE UM CORPO IMPOSSIBILITADO DE “FALAR”

BRUNO BLOIS NUNES¹; CARMEN ANITA HOFFMANN²

¹Universidade Federal de Pelotas – bruno-blois@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – carminhalese@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este texto é fruto de reflexões acerca dos impactos da pandemia na dança, mais especificadamente, na dança de salão. A escrita faz parte do projeto de pesquisa *Visualidades tecidas pelos corpos poéticos na contemporaneidade* coordenado pela professora Dr^a Carmen Anita Hoffmann contemplado pelo Edital FAPERGS 003/2020 – PROBIC/PROBITI. Embora o projeto aborde a interdisciplinaridade envolvendo artes visuais, dança, música e teatro, para esse trabalho volto minha atenção à dança de salão cuja atividade é minha profissão e um dos momentos de lazer.

Em onze de março de 2020, a COVID-19 foi classificada como pandemia pela Organização Mundial da Saúde (WHO, 2020). A partir desse momento, as restrições a uma ampla gama de atividades com aglomerações de pessoas passaram a ser impostas na tentativa de controlar o vírus.¹ Diante desse cenário, me vi impossibilitado de utilizar meu corpo em duas atividades das que mais aprecio: dar aulas de dança de salão para turmas e dançar em bailes sociais. Se é verdade que o corpo fala (WEIL; TOMPAKOW, 2004), me senti corporalmente silenciado.

Para refletir sobre a dança nesse momento caótico, trago autores que trataram da pandemia recentemente como Harari (2020) e Santos (2020) juntamente com o conceito desenvolvido pelo sociólogo italiano De Masi (2000) de “ócio criativo”. A definição da palavra ócio é relacionada, na maioria das vezes, a questões negativas sendo o dicionário um dos elementos que fortalecem esse entendimento (DE MASI, 2000).

Harari (2020) menciona que muitas pessoas colocam a culpa pela pandemia na globalização. No entanto, “embora uma quarentena temporária seja essencial para deter epidemias [...] O verdadeiro antídoto para epidemias não é a segregação, mas a cooperação” (HARARI, 2020, p. 4). Para o autor, enquanto os países que sofrem o surto devem confiar informações a outras nações, essas devem “estender uma mão amiga em vez de deixar a vítima no ostracismo” (HARARI, 2020, p. 8).

Enquanto Harari (2020) faz uma análise macro do assunto, Santos (2020) procura evidenciar que, embora a pandemia atinja a todos, há certos grupos que são mais afetados. Para o autor, um deles são os autônomos (local que se enquadra a grande maioria dos professores de dança de salão). Por essa razão “as recomendações da OMS [trabalho em casa e auto isolamento] parecem ter sido elaboradas a pensar numa classe média que é uma pequeníssima fração da população mundial” (SANTOS, 2020, p. 17).

Essa pandemia fez com que, obrigatoriamente, tivéssemos um tempo maior destinado ao ócio, contudo não se pode precisar quão criativo ele se revela. Talvez seja essa a razão pela qual De Masi (2000) dizer que as pessoas não

¹ A Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) foi responsável por um estudo de abrangência nacional intitulado *EPICOV19-BR* e coordenado pelo atual reitor da UFPEL Dr. Pedro Hallal.



sabem como aproveitar o tempo livre para se distrair e, quando o conquistam, não sabem o que fazer com ele.

Para De Masi (2000) a criatividade reúne tanto heteropoiese (aquilo que eu adquiero dos outros) como autopoiese (o que reelaboro até chegar uma nova visão de algo). Essa criatividade é fomentada a medida que damos valor a coisas muitas vezes corriqueiras, mas desvalorizada pelo seu cotidiano (DE MASI, 2000).

Esse texto está estruturado da seguinte forma: na sequência, mostro o percurso metodológico traçado para essa escrita. A seguir, discuto alguns pontos relevantes acerca dos reflexos da pandemia nas atividades sociais que a dança de salão pode ser encontrada. Por fim, realizo um fechamento do tema e os possíveis desdobramentos futuros.

2. METODOLOGIA

Esse texto faz uma reflexão acerca do atual momento que vivemos e o impacto que pode causar em um setor específico, nesse caso a dança de salão. A metodologia consistiu basicamente da leitura de obras sobre o contexto pandêmico e as implicações decorrentes dessa situação.

Em março de 2020, suspendi minhas aulas de dança de salão. Também foram proibidas as reuniões sociais para evitar aglomerações e a propagação do vírus. Meu corpo ativo foi calado e precisava de uma válvula de escape para descarregar as energias de um corpo que, momentaneamente, foi proibido de falar socialmente com outros corpos.

Com a pausa nas aulas e nas reuniões sociais, me voltei a leituras que tratassem sobre a pandemia. No primeiro momento, encontrei os trabalhos de Harari (2020) e Santos (2020). Em seguida, me deparei com o texto do sociólogo italiano De Masi (2000) e sua concepção de “ócio criativo”. Foi nessa etapa que me vi no estranho paradoxo de ter um amplo tempo cronológico para convidar meu ócio a criar, mas nada acontecer ao longo desse período.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

É importante salientar que nenhum dos textos fazem relação com a dança. Harari (2020) aborda a pandemia no contexto global, Santos (2020) traz os reflexões da pandemia e traz à tona grupos que podem ser mais afetados pelo atual momento. Mas por que razão, eu não pude transformar meu tempo livre em “ócio criativo”. Aí está o cerne do trabalho.

Primeiro, para De Masi (2000) há uma diferença entre tempo livre e ócio criativo. Muitas pessoas, que não tem o costume de ter a sua disposição tempo livre, se depararam com uma brusca mudança de rotina. Alguns aumentaram sua carga horária na associação do trabalho com as tarefas de casas e outros diminuíram esse tempo. No entanto, esse tempo livre nem sempre é uma certeza de ser transformado em ócio criativo.

No meu caso, acredito que a impossibilidade de não poder se reunir para dançar e o cancelamento das aulas em turma tiraram da obscuridade outros deleites há muito adormecidos. Voltei a tocar violão passando do gesto corporal da dança de salão para o dedilhar das cordas do instrumento. Saciei minha fome criativa de aulas e coreografias com a leitura faminta de livros.

Embora o contexto pandêmico tenha aberto possibilidades de cunho tecnológico de entrarmos em contato com as pessoas de outras maneiras, resolvi por não adentrar o universo das aulas *online*. Mesmo compreendendo se tratar de



uma situação atípica e, no meu caso, ser a minha principal fonte de renda, nada substituí o contato físico. Para mim, penso como Castillo (2019) que as tecnologias servem para contactar pessoas distantes ignorando as que estão perto de nós. No entanto, nesse momento, aquilo que sempre separou as pessoas serve como principal meio de contato. Estranho paradoxo, não?

Diante de tudo isso, é possível vermos ações de extrema valia que reverberaram no ambiente da dança. A principal, que gostaria de salientar aqui, é o *Mapeamento da Dança no RS*² coordenado pela professora Dr^a. Maria Fonseca Falkembach da UFPel da qual fiz parte com muito orgulho. O projeto busca mapear todas as pessoas de diferentes áreas de atuação do setor da dança no Rio Grande do Sul. Esse projeto conta com a parceria, além da UFPel, da Universidade de Caxias do Sul (UCS), Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UEGRS), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Temos aqui um caso de fortalecimento de vínculos diante de um isolamento momentâneo.

4. CONCLUSÕES

A pandemia é momentânea, mas espero que sejamos capazes de vislumbrar lições dessa experiência. É bem possível que, a curto prazo, “as pessoas se queiram assegurar de que o mundo que conheceram afinal não desapareceu. Regressarão sofregamente às ruas, ansiosos por voltar a circular livremente” (SANTOS, 2020, p. 29).

Por enquanto, por mais estranho e egoísta que possa aparecer, “a melhor maneira de sermos solidários uns com os outros é isolarmo-nos uns dos outros e nem sequer nos tocarmos” (SANTOS, 2020, p. 7). Como afirmou Harari estamos diante de um desafio: “se essa epidemia resultar em maior desunião e maior desconfiança entre os seres humanos, o vírus terá aí sua grande vitória. Quando os humanos batem boca, os vírus se multiplicam” (2020, p. 13).

A dança de salão está aprendendo com a pandemia. Não apenas em pensar novas formas de ser vista como também de ser possibilitada. Se é nos piores momentos que reconhecemos os verdadeiros amigos, a situação pandêmica trouxe a união de apreciadores da dança de salão na tentativa de manter sua chama acesa naquilo que ela mais presa: o contato.

² Essa ação está inserida no projeto de pesquisa *Aspectos Históricos da Dança no Rio Grande do Sul* coordenado pela professora Carmen Anita Hoffmann.



5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTILLO, Javier. **El día que se perdió el amor**. Sant Andreu de la Barca (ES): Penguin Random House, 2019. (Debolsillo, 1233).

DE MASI, Domenico. **O ócio criativo**. 3. ed. Tradução: Léa Manzi. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

HARARI, Yuval Noah. **Na batalha contra o coronavírus, faltam líderes à humanidade**. Tradução: Odorico Leal. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

SANTOS, Boaventura de Souza Santos. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra (PT): Almedina, 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS [UFPEL]. **EPICOV19-BR divulga novos resultados sobre o coronavírus no Brasil**. Pelotas, 02 de jul. 2020.

Disponível em: <http://www.epidemio-ufpel.org.br/site/content/sala_imprensa/noticia_detalhe.php?noticia=3128>. Acesso em: 26 set. 2020.

WEIL; Pierre; TOMPAKOW, Roland. **O corpo fala**: a linguagem silenciosa da comunicação não-verbal. 57. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

WORLD HEALTH ORGANIZATION [WHO]. Who Director-General's opening remarks at the media briefing on COVID-19. **World Health Organization**, Geneva (SWI), 11 mar. 2020. Disponível em: <<https://www.who.int/dg/speeches/detail/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-media-briefing-on-covid-19---11-march-2020>>. Acesso em: 06 set. 2020.